



# Gaiato

28 DE ABRIL DE 1973  
ANO XXX N.º 760 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## Malanje

Filhos sem mãe.

Uma chaga aberta no coração desta Angola tão grande e tão bela!

Chaga viva, em sangue, que pode ser uma revolta.

Um dos nossos, quando homenzinho, pediu-me para ir ver a mãe numa senzala distante. Foi e apercebeu-se do enojamento que o pai sentiu quando ele nasceu e de como lhe tinha arranjado um nome esquisito e que não era o seu. Um punho fechado ficou no seu coração. E, quando chegou, pediu-me com lágrimas a correr que lhe mudasse o nome. Fui com ele ao tribunal e mudámos. Sairá o punho fechado?

Os outros homens, no meio em que ele agora vive, ajudarão? Ou o farão crescer? Maior, mais negro!

Na teoria todos nós dizemos sim. Que coisas bonitas se dizem e escrevem!

Na vida quotidiana, tantas vezes, olhamos o nosso semelhante do pedestal.

E tantos filhos sem nome!

Tantos pais que nem sabem se os filhos existem!

Não é o pecado. A falta cometida. O que não tem, atire a primeira pedra.

O sangue vivo brota, sim, do abandono dos filhos por pais que, tranquilamente lhes voltam as costas, desconhecendo-os como seus.

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Não sei como é nas outras Cadeias. No Porto, funciona há anos um Patronato que tem tomado à sua conta crianças filhas de reclusos, que ficariam ao abandono durante a reclusão dos pais.

Trata-se de um problema tão frequente que custa a entender não seja previsto e providenciado pelos Serviços Sociais das Prisões — que o resolveriam por si enquanto durasse a pena; ou encaminhariam para estabelecimentos mais estáveis aquelas crianças que não terão condições capazes de co-habitação com os pais quando estes saírem em liberdade.

Parece-me, mesmo, que deveria haver uma estreita ligação destes Serviços com os Tribunais de Menores, pois que «casa de pais — escola de filhos»... — e muitos destes não são vítimas apenas de um impedimento transitório dos cuidados paternos, mas vítimas habituais de um ambiente familiar deteriorado que os deforma e leva bastantes a uma vida triste, semelhante à que, de pequeninos, conviveram.

Quando surgirá um plano de fomento que, sem negligenciar os valores económicos que têm sido seu exclusivo objecto, se deixe prender naquela economia fundamental que consiste no prevenir sobre o remediar — quando?! Pai Américo fartou-se de dizer que é «mais barato evitar crimes, que sustentar criminosos». Ninguém o contradisse. Mas quem o ouviu?... E se foi ouvido — quem deu um passo no sentido desta poupança, que seria, materialmente considerada, para não falar dos valores humanos em jogo, que não têm cotação nas Bolsas que a Fimança rege?!

## LACUNAS

Pois este Patronato de Sta. Isabel anexo(?) à Cadeia Civil do Porto, não sei por quem foi fundado. Sei por que dedicação se tem mantido, através de dificuldades e de incompreensões sem conta. Sei, porque comungamos frequentemente lutas e temos sido várias vezes herdeiros de rapazes que vão crescendo e não podem lá ficar e não têm para onde ir... Sei. Por isso mesmo fiquei triste, quando há dias lá passámos com a nossa Festa e recebi novo desabafo, muito carregado de desânimo pela quase impossibilidade de continuar:

— Não há quem ajude. Eu própria cada vez mais presa pelos serviços, menos livre pró serviço do Patronato. E veja lá, casos como este: Uma mãe de oito filhos pequenos, presa largos meses...! Quem deita a mão àquelas crianças?

E queria que eu ajudasse a deitar...

Pois eu daqui apelo para os responsáveis. Não será difícil arranjar funcionário que se encarregue das tarefas burocráticas. Pois arranjem. E dêem a esta mais-que-funcionária a oportunidade de se desempenhar de uma missão tão útil, tão necessária, como aquela de que se vem ocupando há anos, com tanto sacrifício, com tanta dedicação.

E se a existência deste Patronato, a par dos Serviços Sociais da Cadeia Civil do Porto, é excepção — pois que seja regra, quanto antes, ao lado de cada grande Estabelecimento Prisional.



TOJAL — O Paulo dorme a sua sesta.

## Aqui, Lisboa!

Temos sido assediados com propostas de heranças vindas de vários lados. As pessoas nem sempre compreendem a nossa negativa, nem admira que assim suceda. O mundo está habituado a medir as importâncias das coisas pelos cifrões. Não é que não gaste dinheiro com as obras ou não precisemos dele para fomentar actividades ou proceder a equipamento das oficinas e do resto. Somos pobres e queremos continuar a sê-lo e enquanto o formos seremos fiéis. Pelo trabalho e pelas migalhas que os Obreiros de fora nos vão enviando, fruto do seu amor e da sua generosidade, vamos caminhando em frente, sem receio da miséria degradante que aliena os ho-

mens e os impede de ser livres. Somos felizes assim e pedimos que nos deixem viver do modo que nos é específico. Não há soberba ou vaidade petulante nesta maneira de agir. Se quiserem repartir connosco, que o façam, em vida e com parcimónia. As grandes verbas afogar-nos-iam e nós queremos estar vivos.

Convém lembrar uns e esclarecer outros dos nossos Amigos do que Pai Américo nos deixou expresso: «É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais, podem fazer melhor. No caso duma herança não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na

vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos que, pelas riquezas, viria naturalmente, a cobiça; e por esta a intromissão. Acabariam na Obra os Pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do bem do Rapaz. É a traça.»

Somos por natureza paladinos de gota a gota. Se expomos as nossas necessidades, é para que todos se sintam solidários e se achem responsáveis nos interesses comuns da Obra que a todos pertence. Mais do que de dinheiro precisamos de gente. «Se alguém nos pudesse deixar, em herança, padres, senhoras, colaboradores... ó maravilha!» — escrevia nos há dias um dos nossos padres. Com pessoas dedicadas multiplicaríamos a nossa acção e torná-la-íamos mais rendosa. Quem haverá para aí que se queira entregar, de corpo e alma, ao serviço dos Rapazes, dos Doentes e dos Pobres em geral? Das doações em vida, sem condições, da própria existência, não haverá rejeição.

Padre Luíz

# PELAS CASAS DO GAIATO

## TOJAL

**FESTAS** — À semelhança dos anos anteriores, este também haverá festa no Monumental. Desta vez é no dia 10 de Maio. Como devem calcular os ensaios já começaram e temos para vos oferecer números aliantes.

Entretanto, aproveitem para adquirir já o vosso bilhete, à venda nos locais habituais.

**FUTEBOL** — Estivemos, na última quinzena de Março, envolvidos num torneio entre o nosso grupo e o da Casa de Setúbal.

Tínhamos como fim a discussão dum troféu para comemoração das nossas «Bodas de Prata». A questão foi resolvida por meio de eliminação. Disputámos o 1.º encontro no nosso pelado, onde triunfámos por 6-3. No 2.º encontro, disputado no campo dos nossos irmãos, perdemos pela margem de um gol: 3-2. Mas conquistámos o troféu.

Há por aí algum grupo que nos queira tirar o título de «invencíveis»? A questão é virem jogar connosco.

**OBRAS** — Continuam os trabalhos na construção das novas camaratas. Felizmente o pior já acabou. Agora só a parte interior precisa de cuidados. Começámos pela colcação dos tacos.

**SELOS** — Embora em pouca quantidade, continuam a aparecer, de várias partes, selos das mais diversas séries. Não é de desprezar tal oferta. Esperamos que assim continuem.

Jorge

## Paço de Sousa

**BALANÇO DAS FESTAS** — As Festas terminaram. As três semanas que andámos em digressão pelo norte do País foram fruto da vontade e esforço de todos, para o êxito das nossas actuações.

Pouco tenho a acrescentar. Não quero, porém, deixar de focar a boa compreensão e camaradagem entre a malta para qualquer trabalho que fosse mais preciso.

Não compreendo o motivo porque limitaram mais o tempo de descanso em relação aos anos anteriores. Refiro-me principalmente à última semana, visto que incluía as nossas actuações mais longínquas.

**PISCINA** — Continuam as obras em grande marcha.

Com o aproveitamento da mobilização de mais rapazes — e com um esforço admirável — está-se a proceder à última camada de cimento, que levará depois a tinta.

Tenho a certeza de que, ainda este ano, a malta saboreará os ricos banhos, como resultado do esforço de todos.



**FILGRÁFICA** — Os tipógrafos deslocaram-se a Lisboa, a fim de visitarem a exposição de máquinas de Artes Gráficas.

Partimos de Paço de Sousa às 8 h. de sábado e chegámos à capital às 3 h. da tarde.

Parámos a uns quilómetros de Leiria para almoçar. Depois de tomarmos um café continuámos a viagem até Lisboa.

Na Filgráfica tomámos contacto com um senhor amigo que teve a gentileza de nos mostrar e explicar o que fosse necessário. Não há dúvida, as Artes Gráficas beneficiam, actualmente, dum progresso formidável!

Às 20 h. partimos para Loures, onde jantámos.

Daqui fomos para a nossa Casa do Tojal, onde pernoitámos.

No dia seguinte, depois da Missa, realizámos um encontro de futebol com os nossos colegas. Fomos derrotados (os tipógrafos...) por cinco bolas a duas.

Regressámos a Paço de Sousa após o almoço.

**FUTEBOL** — O nosso onze já há semanas que não realiza qualquer jogo de futebol. O tempo não tem sido muito favorável...

As Festas também não permitiam. Vamos a ver se esta ausência não se prolonga mais, para ver se não quebramos o ritmo do nosso Grupo Desportivo.

Henrique

## MIRANDA DO CORVO

«PROGRESSO» — É actualmente a palavra de ordem. Por toda a parte se montam fábricas, aumentam as velhas intalações de armazéns, fala-se no progresso do País e da sua entrada no Mercado Comum, no desenvolvimento industrial, no intercâmbio de produtos, etc... etc... Mas entre tudo isto há algo que também progride e obscurece a palavra progresso.

A medida do progresso também esta Casa aumenta. Onde outrora um telheiro ergue-se agora a casa nova que dá abrigo a mais duas dezenas de pequenitos. Onde havia uma sala de jogos existem uma camarata e novas intalações sanitárias. A escola já não comporta mais rapazes e há projecto para outra maior. As velhas oficinas, apesar de aumentadas, remodeladas e apetrechadas não bastam, e onde se semeavam favas e tomates erguem-se agora grandes e espaçosas as novas oficinas, que parecem hangares. Já têm dentro novas máquinas à espera de serem montadas e principiarem o trabalho, que não visará a produção em série para uma integração eficiente na indústria fazendo face à grande concorrência, mas visando e ambicionando uma maior e mais eficaz valorização destes valores, que não são os produtos, as matérias primas ou máquinas, mas homens. Aqui entram também os animais; por isso, em baixo, onde existiam apenas umas velhas pocilgas, um palheiro e velhos currais, vêm-se agora novas, grandes e arejadas intalações para as galinhas, vacas e porcos. Há também uma garagem para um pequeno tractor, que os bois já não chegam e a propriedade tende a aumentar.

Tudo aumenta, e aumenta não devido à palavra progresso na sua essência, ainda que esta tenha alguma influência, mas devido ao aumento do número de rapazes que dão entrada nesta Casa do Gaiato e dela necessitam. Muitos, fruto da miséria, outros do progresso.

Hoje já se resolvem muitos dos problemas que iriam parar às Casas do Gaiato. Nos centros urbanos são substituídas as barracas dos bairros de latas por pequenas vivendas de renda económica ou casas oferecidas por pessoas que podem fazê-lo em benefício doutras que nada possuem. É um bem. Outros problemas são resolvidos da maneira mais atroz. Estes (antes existissem mais Casas do Gaiato ou mais miséria!) são os resolvidos através do progresso da Química e que deixam sem ver a luz do dia tantos inocentes. É um mal.

Mas as Casas do Gaiato existem e vão colaborando no progresso dando à sociedade homens que seriam hóspedes de casas de correcção e cadeias, se esperássemos uma solução vinda do Progresso.

Joaquim José

## MALANJE

**VISITA AOS RECLUSOS** — Não sei ao certo, mas no início da semana, já pela segunda vez, fomos até à Penitenciária de Damba, com o nosso grupo desportivo e musical.

A nossa ida realizou-se num ambiente familiar.

Domingo diferente, bastante distraído por parte dos funcionários e dos reclusos.

Assim surgiram palavras, assobios, gritarias e sorrisos de animação.

**SAIDAS** — Já há muito tempo que não acontecia; por isso é novidade, e entristece-nos.

O Luís, mais conhecido por «Droga», por andar mais distraído e menos atento às realidades da vida, resolveu sair da nossa Comunidade. É uma resolução sempre errada, e é justamente por isso que nos faz doer tanto.

Quando algum quiser experimentar ir, lembre-se, antes de o fazer, dos exemplos que temos. Estou-me a lembrar do Alexandre: Este rapaz veio também de Luanda, esteve por cá talvez uns três meses... — pediu para sair; tanto aborreceu que lá o levaram para a família.

Sabeis o que é feito dele? Quando fomos a Damba encontrámo-lo lá.

Cá em Angola, não digo nas ruas, mas na sociedade, lá fora, não há remédio. Nem a família se algum tiver, pode valer.

**TRIBUNAL** — «Zé da Físga» foi à sopa que estava guardada para os doentes. Fez tiro ao alvo com uma foga, mas sem habilidade nenhuma para a agarrar, a um dos nossos trabalhadores.

Pôs-se atrás dos cedros e começou.

Tanto mirou até que acertou; mas teve azir: no fim da aventura, foi descoberto e submetido a um tribunal.

**DESPORTO** — Entre outras coisas, vou dizer algo do nosso desporto.

Temos uma inclinação para a patinagem, desporto que não é praticado em Malanje. Uns já sabem andar, outros querem aprender. Temos somente dois pares de patins, mas do século passado, e penso que a altura para dizer isto não podia ser melhor — a da Páscoa!

Do futebol cá vamos indo. Os nossos 11 perderam com os juniores do Benfica local por 4-3; mas os de salão são campeões distritais dos Corporativos. Fomos a Damba ganhar por 3-1. Jogo de muita correcção; isso é o que interessa, para o bom exemplo do desporto em Portugal, para que se pratique com justiça e camaradagem cristã.

Tomás

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**DONATIVOS** — Na época da Páscoa, como alás já é costume, muitos dos nossos leitores não esqueceram os nossos Pobres.

Aí vão presenças amigas: Em Santo Tirso foi-me entregue em mãos 100\$00 — «são para os seus Pobres». Metade de Alice Pequena, de Gaia. Porto com 40\$00, da assinante 11162. Mais 100\$00 da Família

Pereira, de Lisboa: «migalhas de três bolsas; tencionava mandar pelo Natal, mas... só agora me foi possível fazê-lo». Metade de Oliveira do Hospital. O costume da assinante 17740. Mais 60\$00, «1.º semestre» de um amigo do Porto — muito perseverante. Mais 20\$00 de D. Helena, de Lisboa. Mais 600\$00 «para os irmãos da Conferência de Paço de Sousa com o amor fraterno da assinante do Seixal». Que Deus lhe pague! Mais uma presença amiga da Pousada de Saramagos — V. N. de Famalicão. Outra nota de 20\$00 «de meu filho, que tem 11 anos; diz que é para a Conferência». Que bela atitude! Mais 50\$00 de Lisboa, «lembança de uma viúva que vive do auxílio prestado pelos seus 4 filhos, todos casados, e para os quais peço orações». Bendita mãe, benditos filhos! Mais 60\$00 de A. F., de Gaia. Mais 300\$00 da Covilhã. Mais o costume da assinante 17022. Mais 100\$00 e um belo poema de um «amigo e velho assinante de O Gaiato». Mais 10 dólares de Newark. De novo «Uma assinante do Seixal envia 1.000\$00 — com toda a amizade fraterna e intenção da Festa da Páscoa». E uma presença de respeito! Muito obrigado. Mais 40\$00 da assinante 11162. Mais 100\$00 de Regadas (Fânzeres). Finalmente, 200\$00 da Rua D. Estefânia — Lisboa.

Para todos, um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

## LOURENÇO MARQUES

Pai Américo foi um homem marcado por Deus e imprimiu carácter na Obra que nos deixou. Essa marca é atestada por muitos que, sem conhecerem a Deus, conhecendo-nos, acreditam na Obra. Creio, porém, que a força do crédito que ganhou e nós usufruimos, mais que dum compromisso interior, já antes assumido como norma de vida, que não seria facilmente reconhecido nem fecundo, adveio do objectivo da Obra — os Pobres. Por isso nos deixou escrito que eles são a nossa riqueza. Os primeiros volumes das crónicas do «Correio de Coimbra» traziam um sub-título: «Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos». Da comunhão da vida do Pobre e do tomar os sem nada nem ninguém, como seu objectivo único de interesse e actuação, resultou para a Obra num título de confiança, que, se não fosse a responsabilidade e o sofrimento que implica, seria para nós motivo de glória neste mundo.

compreensão e conforto. E outros, nem pobres nem sofrendores, procuram em nós compensação para a sua vida. Nunca me esquecerei daquele homem, que um dia me procurou e começou por dizer: «Duas vezes na vida tive necessidade de falar com Pe. Américo e só agora consigo fazê-lo. Eu não sou crente; não interessa porque; talvez por isso sofra mais». E desatou por aí fora a desabafar a tortura interior em que andava, como se eu fosse Pai Américo. Quase nem me deixou falar. Veio apenas confiar as suas dores, sabendo que a experiência que vivemos da dor dos Pobres, encontrava compreensão e sobretudo o ajudava a ganhar esperança na vida.

Foi assim que outro me procurou há dias. Vinha pedir socorro, completamente derrotado. Todo ele se agitava de angústia e chorava. Um homem a chorar!

A vida que Deus nos deu para viver queremos ganhá-la recebendo o que dos outros tem de mais amargo, de mais insuportável, para que a Obra continue com o selo de Deus e os homens O encontrem em nós quando se julgarem perdidos!

Padre José Maria

● **DESPACHAMOS  
LIVROS  
TODOS OS DIAS!**

Não vem dia útil ao mundo sem despacharmos, pró correio, maços de livros «Viagens» — e outros.

As vezes o Elísio, só, não aguenta com a carga! Tem de pedir ajuda.

O pequenino catálogo das obras da nossa Editorial e o postal RSF, enviados a todos os leitores, estão motivando muita gente. Graças a Deus!

● **ESTÁ NA RUA  
MAIS DE METADE  
DA EDIÇÃO...**

Da edição do «Viagens», 10.000 exemplares, já está na rua mais de metade! Não po-

# Reedição do «Viagens»

demos deslumbrar-nos com os números. O que nos cala fundo, isso sim, é a **precisão** de leitores que exprimem — cada um a seu modo — quanto lhes vai na alma pelo bem colhido na leitura do «Viagens» e noutras obras de Pai Américo.

(Há tempos, não sei onde, caiu-me nos olhos um trabalho sobre autores e leitores. Sugeriria o articulista, como imprescindível, não um diálogo surdo mas aberto entre as partes. O autor aborçado, porém, disse que, por cá — em relação ao valor das tiragens — era quase nulo!)

O parêntesis que nos ocorreu daria pano para mangas.

É que a pequenina amostragem, passe a expressão, de ressonâncias que sempre revelámos, demonstra a perenidade, a actualidade das obras de Pai Américo — sob todos os aspectos. Mesmo naqueles em que os especialistas ainda não tiveram coragem de arregaçar as mangas, porque «outros valores mais altos se alevantam», com certeza...

● **PRESENÇA  
DOS LEITORES**

Não temos coragem de seleccionar presenças! «Perdemo-nos»... É um grande monte delas à nossa frente. É a variedade de opiniões, expressões e, até, inquietações! É o mundo das almas... Esta variedade dá-nos uma perfeita radiografia da **precisão**.

Logo à frente está uma dona de casa, lisboeta. Passamos-lhe a palavra:

«Acabo de receber mais dois livros... Mal os recebi comecei logo a ler algumas passagens por alto. Mas, confesso, fiquei entusiasmada com a leitura. E até se deu um caso: esqueci-me completamente do que estava a fazer na altura em que chego o correio!

Perdoe a minha franqueza: tinha o almoço ao lume e quei-mou-se tudo; nem o tacho se aproveitou! Que seja tudo por amor de Deus, esta minha distracção.

Junto a esta vão 100\$00 como sendo para as despesas do correio.

Sinceramente agradeço a remessa. E fico reconhecida por ver a minha pequenina biblioteca enriquecida por tão boa leitura que são os livros de Pai Américo».

Mais um rico depoimento. É de Santarém:

«Muito obrigado pelo envio do livro «Viagens». No fim do mês mandarei alguma coisa para compensar esta maravilhosa oferta da vossa parte.

Sinto-me triste por ver que nada há no mundo que possa pagar ensinamentos tão espantosos que nos oferece Pai Américo. Ao ler os seus relatos cada vez admiro mais a sua maneira de ser e as magníficas lições de Pedagogia e Didáctica que nos legou. Compreendo agora porque o professor Emile Planchard, catedrático da Universidade de Coimbra, se refere numa das suas obras a Pai Américo.

Ao ler «Viagens» surgiu-me uma ideia: Se tais escritos nos fascinam o que seria se ouvíssemos Pai Américo?! Daí pensar na possibilidade de edições em discos de conversas de Pai Américo. Não haverá na Emissora Nacional ou no Brasil gravações de Pai Américo? Creio que se procurassem não devia ser difícil encontrar a voz de Pai Américo. Desculpem se lhes peço trabalho demasiado ou se recordo ideias que já estão em marcha...

Mais uma vez obrigado pelo envio do livro e só desejo que o magnífico testemunho de Pai Américo continue a ser difundido neste cada vez mais conturbado mundo...

É uma sugestão oportuna, actual, que registamos com prazer. Mas a verdade é que, após a morte de Pai Américo, procurámos todas as pistas possíveis para a recolha de gravações suas e pouco encontramos.

Os nossos leitores arrastam; arrastam outros. Bendito seja Deus!

Ouçamos a assinante 12414, do Porto:

«Princípio por agradecer o favor de me enviarem o livro «Viagens». É um tesouro de grande valor. Além disso, fiquei muito satisfeita por poder interessar mais alguém pela leitura tão sublime que ele encerra.

Peço, pois, o favor de me enviar mais três livros...»

Outra presença. É Lisboa — seguindo as mesmas pisadas:

«Peço que me enviem o livro «Viagens». O que me mandaram já o ofereci e outros oferecerei — pois não me canso de espalhar pelos meus amigos essa Obra maravilhosa...»

● **MAIS UMA  
ADVERTÊNCIA**

Apesar de sucessivas advertências, ainda aparece um ou outro assinante mantendo anonimato em prestação de contas!! Como podemos, desta forma, proceder ao registo das importâncias no ficheiro?! Tenham paciência, bons amigos...

Só nos últimos dias apareceram, assim, que nos lembre, dois casos: «Uma avó» e outra senhora «cumprindo uma promessa». Fora aqueles com nomes abreviados ou diferentes dos anotados — a maior parte: esposa não identificando o nome do marido, o assinante; o mesmo comportamento em filhos e pais, tios e sobrinhos e vice-versa...

Será difícil passar uma vista d'olhos pelo endereço apostado na embalagem dos livros? Muitos já adoptam o sistema. E chegam a recortar o dito! Dão no vinte. E evitam sarilhos mútuos que, vá lá!, estão a diminuir cada vez mais.

Aqui fica o recado.

Júlio Mendes

**RETALHOS DE VIDA**

## O JOSÉ ACHAN



*Vou descrever a minha vida desde a inocência até adulto. A minha terra natal é S. Tomé.*

*Nasci em 19 de Março de 1951. A minha mãe chama-se Achan Ching Fong e o meu pai não sei quem é. Mas ainda me lembro dumha descrição da minha mãe. Era assim: — Chamava-se Leiria, era mecânico da estação de serviço de S. Miguel, em S. Tomé. Era alto e forte e os cabelos pretos e lisos. E natural de Lisboa. Era casado com uma mulher da sua cor e tinha duas filhas. Ela veio para S. Tomé trabalhar. Ai se juntou com a minha mãe e nasci eu. Depois regressou de novo à sua terra natal. E nunca mais se soube dele.*

*É isto tudo o que sei de meu pai, que nunca conheci.*

*É verdade que todo o homem tem um fracasso. Mas, se fosse eu, não tinha coragem de deixar um filho do meu sangue crucificado numa terra sem meios e cheia de miséria, como era dantes. Seja como for era meu filho, era meu sangue, dava-lhe todo o meu amor como a outros meus filhos que nascessem de uma outra mãe. O meu pai podia ser um homem honesto e de boa qualidade, como dizia a minha mãe... Eu digo com toda a franqueza: Ele não cumpriu o seu dever de pai e de homem.*

*Se um dia me casar e Deus me der muitas felicidades no meu casamento farei por cumprir meu dever de homem casado e de pai. Mas se praticasse acto igual ao de meu pai, pegaria no filho ou filha e estimaria-o como os outros filhos que tivesse de minha mulher.*

*Bom, sobre o assunto de meu pai termino aqui porque tenho mais coisas para dizer.*

*Nasci e cresci em S. Tomé. Quando deixei de gatinhar e de gritar por minha querida mãe, o caso foi mais duro! A minha família não simpatizava comigo. Porquê?... Porque já metia um caso de «racismo». Corriam comigo e eu lá ia para a cidade de S. Tomé cantar as antigas que sabia da minha terra, para ganhar uns tostões para comer. Eu ia de café em café e cantava... Andei durante muitos anos nesta vida — que era mesmo vida dum fugitivo — até que um dia encontrei num café uns alferes, entre os quais um que pertencia ao pelotão de Artilharia anti-aérea. Ele falou comigo e disse para aparecer no quartel que ficava a sete quilómetros da cidade. Lá fui passados dois meses; depois, no dia vinte e oito de Fevereiro de 1965. Ainda me lembro do primeiro dia, quando lá cheguei: Os soldados trataram logo de me arranjar as fardas enquanto os sargentos e os oficiais tratavam de me procurar roupas civis. Também me lembro ainda dos apelidos daqueles rapazes... Permaneci com eles dois anos, até que resolveram trazer-me para a Metrópole, logo que acabassem a comissão.*

*Assim, no dia 8 de Junho de 1966 pelas 8 horas e meia, embarquei no porto de S. Tomé no barco «Niassa» e chorei, mas levava uma alegria no coração por vir para a Metrópole para ser um homem.*

*No dia 21 deste mês, cheguei a Lisboa à meia-noite. Depois das cerimónias do desfile de entrega do guião, segui, ao outro dia, para o Porto com o «meu» Alferes e sua família, com quem iria permanecer durante alguns dias. Ali me diverti da melhor maneira, até entrar na Casa do Gaiato.*

*Fiquei em Paço de Sousa seis anos, até ser incorporado no serviço militar, que estou cumprindo em Cabo Verde.*

José Achan



# VISTAS DE DENTRO

Hoje é domingo. O domingo em Angola começa quente logo pela manhã. Após a Missa carrego a malta nova, que os mais velhos vão a pé, e sigo para a praia da cidade.

Benguela está ali. Os carros perfilados trouxeram a população em peso. Baía Farta, Baía Azul, Alexandrino recebem gente. Mas a Praia Morena é a que mais se enche porque mais à mão.

Chegamos. Todos nos olham. Um carro com meia centena de rapazes é ocasião de rir para uns. O mundo ri, porque não reflecte. Porque se o fizesse, corava. Alguns na praia, mais idosos, olham-nos com muita admiração. É uma família que chega. A mais numerosa de

todas: a acusação para muita leviandade da cidade.

Num repente os rapazes saltam do carro — a velha «Mercedes» — e ei-los na areia. Alguns não param e enfiam-se logo pela água dentro. Regressam felizes, a puxar outros para as ondas mansas e convidativas. Sento-me também na areia. Faz bem o ar puro, o sol brilhante, a maresia.

Correndo por todos os lados os rapazes perdem-se entre a multidão, que joga a bola, que entra e sai da água, que salta e brinca atirando areia.

A meu lado uma mãe chama pelos filhos. Dois.

— Vê lá não vás para longe.

E eu, com meio cento de rapazes, estou tranquilo. Por

aquela lógica devia estar intranquilo e perturbado. Mas não. Eles eram da rua. Precisam da liberdade. Precisam antes da certeza de que confiamos nelés, para confiarem em nós.

As horas passam. O meio dia chega. A praia começa a esvaziar-se. Levanto-me, faço sinal a um deles. É quanto basta. Em poucos minutos a «Mercedes» arranca. Não há maior força atractiva do que o amor!

Padre Baptista



Página 3

28/4/73

# A ESCOLA E O HOMEM

O problema da Escola está na ordem do dia.

Lembro-me — começava eu esta minha vida — de ouvir a um Homem público que, «se houvesse surgido um Duarte Pacheco no mundo da Educação em vez de no das Obras Públicas, outro galo nos cantaríamos! Isto ouvi há vinte anos. A aurora ideal sugerida por aquele Homem situar-se-ia outros vinte atrás. No tempo acelerado que é o nosso, vinte, quarenta anos são um longo período em que teria vindo por acréscimo a expansão das Obras Públicas, se a prioridade tivesse sido dada à Educação do Povo.

Esta deslocação da tónica (ao menos este conceder de voz mais forte à Educação) parece-me a coisa mais positiva dos dias que vivemos.

Do nosso pequenino posto de observação seguimos o evoluir das ideias com interesse, mesmo com paixão. Pôr-se problemas — é já uma conquista. Aceitar que eles se discutam — uma novidade. O acerto das soluções, será, necessariamente, uma vitória a longo prazo, conseguida pelo preço de muitos desacertos.

É natural que este tema nos seja querido. Mais do que Obra de Assistência, somo-lo de Educação. E mesmo enquanto entregues ao cuidado dos Pobres, a experiência ensinou-nos que aos problemas da miséria es-

tão profundamente ligadas carências de educação. Assim como a conclusão salta das premissas, também espontaneamente um Povo mais educado correrá menos risco de miséria. Espontaneamente, digo: mesmo sem contar com a eficaz cobertura da Previdência.

Há, contudo, uma interrogação que nos preocupa: — Como tapar de repente uma brecha de decénios, no que respeita a Pessoal docente?

Infra-estruturas — podem remediar-se transitoriamente aquém das condições óptimas. Outros meios materiais necessários provêm-se com mais dinheiro. Mas Professores?...! E ao dizer Professores, não pensamos apenas em quem capaz de transmitir ciência, mas em pessoas preparadas para educar, amadurecidas, elas-mesmas personalizadas para formar personalidades! Neste ponto é que o acerto por aproximações sucessivas me levanta dúvidas. Se as gerações se vão seguindo, mais letradas sim, mas sem uma educação unitária, que à Escola também e muito pertence, já que as famílias nem sempre são capazes de tal — aonde nos levará este desfazimento entre cultura e carácter?!

Por isso mesmo me aflige esta incessante multiplicação de Escolas de ensino directo, providas bastante ad hoc. Eu

creio na superioridade dele, mais do que em nenhum. Se técnicos se podem informar aceleradamente, homens têm de formar-se dando tempo ao tempo. Mas, nesta tremenda tarefa de recuperação, parece-me que o ponto fundamental do método é o melhor aproveitamento dos valores humanos. Daí me surge como o bem possível, de que o óptimo utópico é inimigo, a estratégia dos Povos sub-desenvolvidos: Ensino televisivo.

O professor que ensina, os recursos com que ensina poderão escolher-se cuidadosa e exigentemente. Aos monitores compete uma tarefa de acompanhamento, em que a honestidade e a dedicação podem suprir a falta de mais nível na preparação científica e, sobretudo, na pedagógica. É que os monitores têm oportunidade de aperfeiçoar-se no decorrer das lições a que assistem. E para a exploração das mesmas têm os guias com sugestões, ou mesmo concretas linhas de acção, que suprimem o improvisado e compensam algumas incapacidades.

Por mim, regozijar-me-ia, se, após a Escola Primária, visse os restantes quatro anos de escolaridade obrigatória, resolvidos por esta via.

Vejo-a a mais séria, a mais eficaz, a mais económica de quantas possíveis, nesta fase de transição por que, forçosamente, teremos de passar.

Quando estas palavras chegarem a teus ouvidos já no centro e sul se anda em romaria.

Tenho vivido os últimos dias ao som de música, de cantares e dançares. Muito gostam eles dos ensaios!

Eu também não resisto e largo o meu trabalho e vou espreitar. Que coisas lindas eles fazem!

Na sala de costura não tem havido horas. Tudo são talhos, tudo são provas. Os «Batatinhas» andam no ar e não são capazes de não dizer: são vestidos muito lindos, são camisas cheifinhas de rendas, são muitas novidades para eles.

Eu não sei como há pessoas amigas que passam sem participar nas nossas Festas. Eu morro por elas.

Padre Horácio

x x x

Na próxima quinzena os nossos Rapazes estarão nas seguintes localidades:

## ABRIL

Dia 28 — LOUSA

Dia 29 — PALMELA

Dia 30 — COIMBRA

# Festas

## MAIO

Dia 1 — ANADIA

Dia 4 — MARINHA GRANDE

Dia 6 — ARGANIL

Dia 7 — TOMAR

Dia 10 — LISBOA

Dia 11 — GUARDA

Dia 12 — GOUVEIA

## MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Começamos mais uma habitação para mais 25.

Abrimos alicerces sem ter com quê — só confiados na tua presença às nossas aflições. Coloca esta aflição no teu coração. Para o mesmo fui a Luanda à Igreja do Carmo que disse presente com 12 mil escudos. A Igreja da Sé que acorreu com 12 mil. Nos domingos seguintes, estaremos noutras.

A tua presença viva, com obras, na construção duma Aldeia que é tua.

x x x

Vieram até nós com carinho: A Farmácia Popular com 10.000\$00 de medicamentos! Podemos ter as nossas constipações. Veio a Campanha Algodoeira de Angola com 600 litros de óleo de girassol. Óleo de flores que embelezam os campos e os corações. Uma senhora de Luanda com roupas. De Malanje, nossa muito amiga com tão bons cobertores, que se vê nascerem de muiço carinho. A Induve com três caixas de sabão mensais. A todos os que vieram a nossa Casa ou me encontraram na rua entregando a sua ajuda, que o Senhor ajude também. Há muito tempo que não pago telefone nem caixa de correio. Vou e nos papelinhos sempre: «pago».

Sei que são os senhores e senhoras dos Correios.

Que gesto tão carinhoso!

Padre Telmo

TRANSPORTADO NOS AVIÕES  
DA T. A. P. PARA ANGOLA E  
MOÇAMBIQUE

## TRIBUNA de Coimbra

O homem, na sua ânsia natural de ser bom, procura modelos ou mitos. O homem crente tem o seu modelo em Cristo. Cristo, que, sendo Deus, se quis fazer homem; morreu e ressuscitou.

Cristo presente em todas as circunstâncias da vida humana: O Cristo da manjedoura, Cristo no emigrante, o Cristo dos trabalhos subterrâneos, Cristo despido, Cristo no meio da quadrilha, Cristo na prostituta, Cristo na mãe solteira, Cristo em toda a história.

Cristo nos olhos grandes e esbaldados do Quim, sempre sorridente e faminto de carinho. O Quim encontrado aos três meses numa gamela, todo sujo e quase morto.

Cristo preto no Joãozinho, ciumento do seu lugar de reizinho, sempre com o ranhito no nariz curioso a perguntar

coisas da sua terra maconde.

Cristo no atrofiamento do Nana, fruto de paralisia infantil, que procura correr como outros e cai vezes sem conta. Tenta vingar-se da sua inferioridade física e psíquica.

Cristo nas bochechas rosadas do João Paulo que tem sempre um sorriso e que pede ao Menino Jesus para que o pai seja bonzinho.

Cristo na voz cristalina e nos cabelos doirados do Carlitos a quem o pai faleceu, longe, à procura de pão para os filhos.

Cristo na pele trigueira do Aníbal que é sempre o primeiro a vir dar um beijo. A mãe, viúva, não sabia a idade dos filhos, mas escreve muitas vezes a saber deles.

Cristo na cara palermita do Tó que diz coisas muito engraçadas (algumas com nexos), mas cujo ambiente não é o nosso e terá de regressar à vida «por lá».

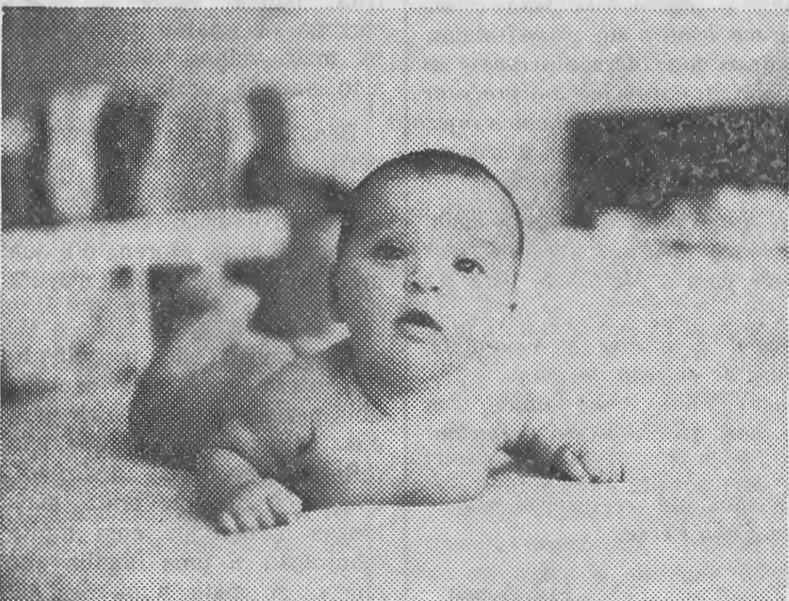
Cristo no ar esquivo do Coquim, cujos pais não se entendem e se ofendem.

Cristo em todos. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Padre Horácio



O filho do Miguel Barreiros que foi da Casa do Gaiato de Setúbal.



Astrid, aos 4 meses, filha do Manuel Lopes — actualmente no Rio de Janeiro (Brasil).

